

URBI ET ORBI: UMA CURADORIA ENTRE TERRITÓRIOS

Prof. Dr. Hugo Fortes
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP

RESUMO:

O artigo apresenta uma reflexão sobre a exposição Urbi et Orbi realizada no Paço das Artes de janeiro a abril de 2010. A curadoria procurou investigar o contexto multicultural e transnacional do artista contemporâneo e sua relação com o espaço da cidade e do mundo.

Palavras-chave: trânsito, deslocamento, metrópole, territórios

ABSTRACT:

The article focuses on the exhibition Urbi et Orbi held in the Palace of Arts from January to April 2010. The curatorship tried to investigate the multicultural and transnational context of the contemporary artist and his relationship with the city space and the world.

Key words: transit, displacement, metropolis, territories.

No contexto fluido da contemporaneidade, em que a determinação dos papéis sociais não é mais tão rígida como outrora e a especialização dos saberes deu lugar à transdisciplinaridade e ao trabalho colaborativo em rede, a atuação do artista não se resume em produzir isoladamente seu trabalho plástico, mas também discuti-lo em relação a seus pares, batalhar para inseri-lo no mercado e armar estratégias para dar visibilidade a sua produção dentro do contexto que mais se adéqua a sua poética.

É nesta nova perspectiva de atuação que diversos artistas passam a realizar curadorias, afirmando-se como profissionais capacitados para o debate artístico e refutando a idéia do artista romântico que aguarda isolado até que um curador profissional o descubra. Munido desta convicção propus ao Paço das Artes, em São Paulo, a realização da curadoria *Urbi et Orbi* na qual além de atuar como curador e artista, pude dar visibilidade ao trabalho de artistas de diversas nacionalidades que desenvolvem trabalhos em um contexto de intensa mobilidade geográfica internacional.

A exposição ocorreu de 25 de janeiro a 4 de abril de 2010 no Paço das Artes, em São Paulo, com curadoria de Hugo Fortes e assistência curatorial de Sissi Fonseca. Apresentaram trabalhos os artistas Andreas Haus, Carola Schmidt, Ulf Aminde, Lina Kim, Cao Guimarães & Rivanne Neuenschwander, Silvia Marzall, Rabi Georges,

Wagner Morales, Rachel Rosalen & Marit Lindberg, Antje Engelmann & Cyrill Lachauer, Martyna Starosta, Síssi Fonseca e Hugo Fortes.

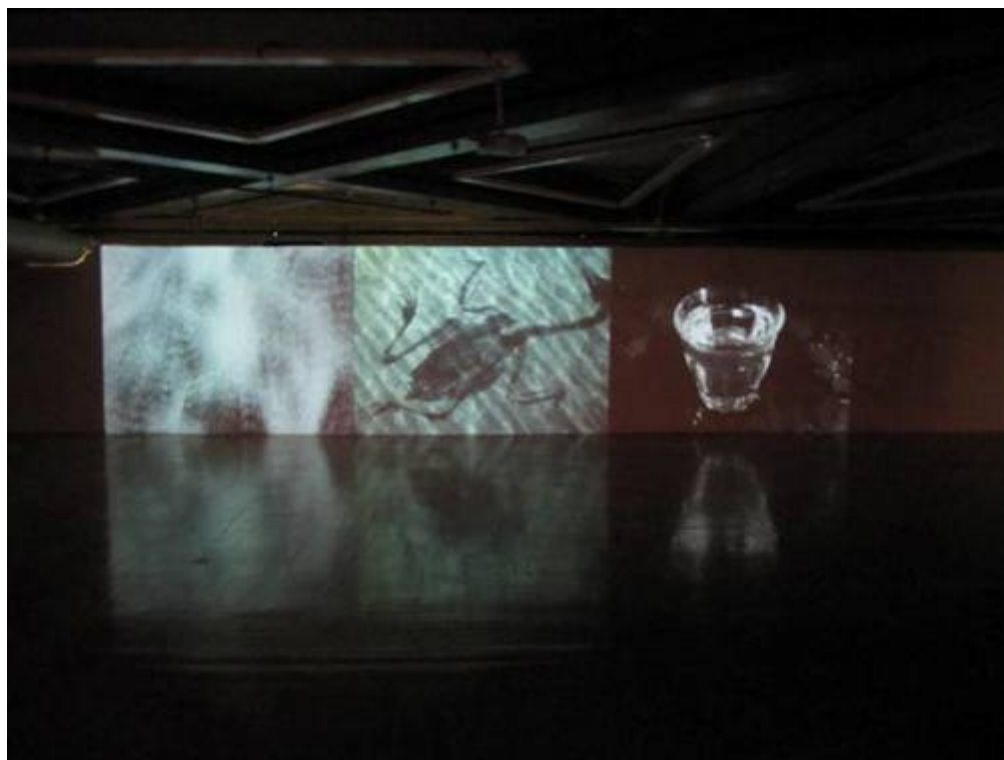
O conceito principal que norteou a escolha curatorial foi a condição dos artistas “em trânsito”. A grande maioria dos trabalhos apresentados na exposição foi realizada pelos artistas fora de seus países de origem. Cada vez mais artistas contemporâneos desenvolvem suas poéticas a partir de viagens e residências internacionais, que lhes conferem novas visões de mundo e possibilidades de expansão criativa. É este olhar estrangeiro em constante mobilidade, que enxerga o outro com curiosidade e espanto, captando as atmosferas poéticas dos lugares e os confrontamentos sociais decorrentes dos deslocamentos que a exposição *Urbi et Orbi* pretendeu iluminar.

O ponto de partida para as discussões propostas pelos trabalhos foi o conceito de metrópole e suas modificações epistemológicas entre o início do século XX e o início do século XXI. Enquanto ao longo do século XX a metrópole tornou-se o pólo central de atração populacional e cultural, no início do século XXI ela ganhou contornos menos nítidos, conectando-se rizomaticamente a outras metrópoles através da intensificação dos deslocamentos reais e virtuais de seus indivíduos e da dissolução de sua identidade local original. O advento da globalização, o desenvolvimento dos meios de transportes, os fluxos migratórios decorrentes de guerras étnicas e desigualdades sociais e o aumento do contato entre indivíduos através da internet e dos meios eletrônicos de comunicação – todos estes processos geraram o surgimento de uma geografia líquida e incerta na qual o artista contemporâneo transita e atua.

A metrópole contemporânea não é apenas o centro de desenvolvimento do progresso, mas é também palco de disputas sociais, de estranhamentos e encontros multiculturais, de contrastes sociais e étnicos e de dissolução das fronteiras e identidades nacionais. Para traduzir estes conceitos, foi escolhida como título da exposição a expressão latina *Urbi et Orbi*, que em seu sentido original significa “*para a cidade e para o mundo*”, ou seja, em todos os lugares. Utilizada normalmente nas bênçãos papais no sentido da universalidade que atinge a todos, a expressão *Urbi et Orbi*, é retomada aqui para descrever os processos de vivência em comunhão na metrópole contemporânea e as conseqüências da dissolução de fronteiras espaciais e temporais na metrópole contemporânea e do confronto de culturas locais e globais provocado pelo deslocamento dos indivíduos no ambiente transnacional da atualidade.

A simples descrição biográfica dos artistas e os trajetos percorridos para a realização de seus trabalhos tornam claras as questões enfocadas pela exposição *Urbi et Orbi*. Alguns dos artistas da exposição apresentam uma biografia marcada pelo deslocamento internacional. Lina Kim, por exemplo, é artista brasileira, de origem coreana, que vive atualmente em Berlim e apresenta um trabalho sobre a Índia na exposição. Sílvia Marzall, também brasileira, foi criada na Itália e vive há muitos anos na Alemanha. Também a artista austríaca Carola Schmidt e a polonesa Martyna Starosta escolhem a Alemanha como seu país de moradia, porém realizam diversos trabalhos em seus deslocamentos pelo mundo. Diversos dos artistas presentes na exposição realizaram seus trabalhos em períodos de residência internacional. É o caso de Wagner Morales, Cao Guimarães e Rivanne Neuenschwander, Rachel Rosalen e Marit Lindberg, Antje Engelmann e Cyrill Lachauer, e de meu próprio trabalho artístico, desenvolvido em Berlim. Os demais artistas, mesmo produzindo os trabalhos em seus países de origem, tratam das questões dos trânsitos internacionais e dos confrontos multiculturais na cidade contemporânea, utilizando como material suas percepções adquiridas em viagens realizadas anteriormente ou na própria observação da cidade como centro internacional – é o caso de Andreas Haus, Sissi Fonseca, Ulf Aminde e Rabi Georges.

A mídia artística da quase totalidade dos trabalhos apresentados na exposição foi o vídeo. Esta escolha do vídeo, deve-se menos a uma qualidade estética específica do meio e mais a praticidade com que este meio pode ser enviado de um local a outro, sem requerer grandes investimentos financeiros e logísticos. A virtualidade que o meio vídeo apresenta, podendo ser duplicado em DVDs e até mesmo ser enviado como arquivo pela internet contribui para a facilidade de montagem da exposição. Por essas características, o vídeo é uma mídia que favorece o desenvolvimento do trabalho dos artistas em trânsito. Embora muitos dos artistas convidados desenvolvam trabalhos também em outros meios, as facilidades técnicas que o vídeo apresenta possibilitam que estes artistas desenvolvam seus trabalhos mesmo quando estão em viagem distante de seus ateliês e sem acesso a materiais e ferramentas necessárias para a realização de suas obras. Da mesma forma, o vídeo é facilmente transportado pelo curador, possibilitando diferentes formatos de exibição e adequando-se as necessidades expositivas.



Vista da videoinstalação *Dynamik der Großstadt* (Dinâmica da Metrópole),
de Andreas Haus, conforme montada na exposição *Urbi et Orbi*.

Embora todos os trabalhos apresentados na exposição tenham sido produzidos na primeira década do século XXI, um deles apresenta-se como uma recriação contemporânea de um trabalho idealizado pelo artista da Bauhaus Moholy-Nagy no início do século XX. O trabalho desenvolvido sob supervisão do artista e professor Andreas Haus apresenta um contraponto a idéia de metrópole, buscando em suas origens no início do século XX a chave para a sua compreensão. A partir de um roteiro visual desenvolvido entre 1925 e 1926 por Moholy-Nagy para um filme chamado *Dynamik der Großstadt* (Dinâmica da Metrópole), que nunca chegou a ser filmado pelo próprio Moholy-Nagy, Andreas Haus e sua equipe da Universität der Künste Berlin desenvolveram a videoinstalação apresentada na exposição procurando ser fiel às indicações de Moholy-Nagy, porém adaptando-as à contemporaneidade. O resultado é um belíssimo trabalho, que consiste de três projeções paralelas em preto e branco, onde se vê uma frenética sucessão de imagens sobre os mais variados aspectos da metrópole, estabelecendo diálogos formais e conceituais entre si.

O próprio Moholy-Nagy é uma figura chave para a compreensão do fenômeno dos artistas “em trânsito”. Atuante como professor da Bauhaus nas primeiras décadas do

século XX, Moholy-Nagy viveu em Berlim, Amsterdam, Londres e Nova York, tornando-se um símbolo do artista multimídia em trânsito, em uma época em que os deslocamentos geográficos ainda não eram tão acessíveis. É curioso notar também, que mesmo o professor e artista Andreas Haus, que realizou em 2006 o roteiro previsto por Moholy-Nagy, embora seja de nacionalidade e família alemã, nasceu na cidade de Quito, Equador, já que seus pais se encontravam viajando nesta localidade na ocasião. Embora Andreas Haus nunca tenha vivido no Equador, este dado biográfico seu corrobora para a reflexão do contexto transnacional que *Urbi et Orbi* propõe.



Frame do vídeo *Weiter* (Continue), de Ulf Aminde

Enquanto no filme imaginado por Moholy-Nagy e produzido por Andreas Haus, a metrópole já aparece como ponto de atração e local de convivência dos mais diferentes grupos sociais e ideologias, em alguns filmes atuais dos artistas apresentados em *Urbi et Orbi* esta convivência é por vezes vivida como conflito e confusão identitária. No vídeo *Weiter*, de Ulf Aminde, por exemplo, vemos *punks* disputando anarquicamente um local para sentar em uma dança das cadeiras encenada em frente a uma construção em ruínas. Indivíduos à margem da sociedade, muitas vezes estrangeiros ou estranhos em seu próprio país, os *punks* disputam um lugar ao sol em uma cidade bastante distante das utopias modernas.

Por atuar muitas vezes em um certo gueto cultural, que não faz parte do interesse da maior parte da população, o artista contemporâneo sente-se às vezes estrangeiro em seu próprio país, relacionando-se melhor com indivíduos de outras terras do que com seus próprios vizinhos. Assim, podemos compreender que no trabalho de Ulf Aminde, os punks apresentados, além de representarem seus próprios papéis sociais, podem ser vistos também como uma metáfora para o artista contemporâneo, que transita meio à margem da sociedade em um embate cultural e social para conseguir se estabelecer. Marcado pela crítica social apresentada de maneira inteligente e provocadora, o trabalho de Ulf Aminde dedica-se a iluminar certos setores da sociedade que se apresentam muitas vezes como estrangeiros em seu próprio meio, encontrando no nomadismo e no trânsito constante um modo de sobrevivência frente às imposições sociais.

O mesmo tom crítico de Ulf Aminde se apresenta nos trabalhos de Martyna Starosta e Rabi Georges. Para a artista Martyna Starosta a ascensão capitalista em toda a Europa e em especial em Berlim, após a queda do Muro, é vivida como conflito. Nascida em um país que esteve sob domínio soviético por muitos anos, a artista polonesa se espanta com o desenfreado consumismo que tomou conta da capital alemã e pretende ironicamente eliminá-lo através de uma performance. No vídeo *Pyromaniac Exercises* ela se apresenta vestindo uma roupa vermelha e se maquiando, enquanto afirma ter poderes telepáticos que a possibilitariam incendiar shoppings centers, lojas de departamento e grandes cadeias de fast-food. O trabalho faz parte de uma série na qual se inclui também o vídeo *Voodoo Instructions*, no qual a artista aparece fazendo uma espécie de vudu com os consumidores do Mac Donald's e de outras empresas multinacionais. Seu olhar estrangeiro lhe confere uma postura crítica e contestadora.

Uma atitude iconoclasta semelhante pode ser vista no trabalho de Rabi Georges, no qual ele desafia símbolos da cultura ocidental urbana estabelecida, ao insinuar relações sexuais com monumentos e estátuas públicas. O artista alemão, de origem síria, frequentemente questiona os símbolos culturais ocidentais e orientais e os papéis sexuais pré-determinados pela cultura em seus trabalhos. Ora ele veste burcas islâmicas e aparece amamentando um bebê, ora ele encarna um derviche em seu transe ritualístico em meio a uma construção em obras em Berlim. No trabalho *I fuck you*, apresentado em *Urbi et Orbi*, ele aparece mantendo relações sexuais com estátuas famosas como Vitória da Samotrácia ou com monumentos

simbólicos do domínio soviético sobre Berlim, ou até mesmo com tratores e esculturas públicas sem grande valor histórico. Ao desafiar de modo obsceno os ícones da cultura metropolitana ocidental, Rabi Georges pretende questionar as imposições culturais a que somos submetidos através dos equipamentos urbanos e monumentos públicos com os quais convivemos obrigatoriamente no cotidiano.



Frame do vídeo *I fuck you*, de Rabi Georges

Ao mesmo tempo que a cultura urbana impõe-se de maneira hegemônica aos habitantes de uma cidade, ela também é dissolvida por eles, adquirindo uma identidade mais fluida e que procura se livrar das tradições. Porém em um país com uma pesada história política, como a Alemanha, a identidade cultural é constantemente reelaborada na tentativa de se compreender os acontecimentos passados e se aliviar as cargas históricas. O peso de uma identidade cultural carregada de acontecimentos históricos e traumáticos é tematizado pelo trabalho da austríaca Carola Schmidt. Filmando em um porão histórico de um teatro em Berlim, a artista convida artistas de diversas nacionalidades para realizarem performances que tratam de opressão e destruição psicológica. O resultado é um poético trabalho, impregnado com uma atmosfera densa e perturbadora. Ao acertar contas com a história local através da colaboração de artistas estrangeiros, a artista borra as fronteiras geográficas e temporais. O vídeo, intitulado “Uma pulverização em diversas poses” apresenta uma narrativa não linear construída a partir de um poema de um poeta austríaco, que é lido em alemão em voz

alta pela inglesa Melody Burke e pelo australiano Damian Rebgetz, cada um com seu sotaque peculiar. Inicialmente são apresentadas imagens de um teatro, onde supostas atrizes fazem um teste para uma peça. Posteriormente é mostrada a performance da artista brasileira Sissi Fonseca, que limpa obsessivamente os porões do teatro, até limpar o seu próprio retrato, fazendo desaparecer sua imagem. Por último surge o artista Rabi Georges realizando um performance na qual engole algodão retirado de um antigo travesseiro. O clima opressor e fantasmagórico atravessa todo o filme, no qual a memória serve como elemento de reconstrução poética. Os trânsitos entre o passado e o presente e entre a memória vivida e imaginada dão o tom neste trabalho composto da participação multicultural de diversos artistas, dirigidos a partir do olhar sensível da artista Carola Schmidt.



Cena do vídeo *Eine Zerstäubung in mehreren Posen*
(Uma Pulverização em diversas poses) de Carola Schmidt,
em que a artista Sissi Fonseca aparece limpando seu próprio retrato.

A imagem idealizada de uma cultura e o contraste com a sua percepção atual *in loco* é tematizado pelos trabalhos de Wagner Morales e da dupla Rachel Rosalen e Marit Lindberg. Ambos os trabalhos foram produzidos em residências internacionais. Enquanto Morales estranha as maneiras francesas que não correspondem ao nosso imaginário idealizado, a brasileira Rachel Rosalen e a sueca Marit Lindberg observam diferentes facetas de um Japão que vai além dos estereótipos esperados.

O trabalho “Les Bonnes Manières” de Wagner Morales constrói-se a partir da narração de um texto extraído de um manual francês de boas maneiras que é contraposta a imagens de pessoas comuns transitando no metrô de bairros do subúrbio parisiense. A imagem que se espera da França é confrontada com a realidade urbana que apresenta uma população formada em grande parte por imigrantes não-europeus, que trazem para seu país de escolha sua cultura e seus costumes. A própria exclusão dos imigrantes no sistema social e suas tentativas de integração tornam-se claras neste trabalho de Morales, que ao invés de realizar um juízo de valores, nos mostra as consequências do trânsito migratório internacional, com seus problemas e vicissitudes.



Frame do vídeo *Ein Kolonialfilm* de Antje Engelmann & Cyrill Lachauer

A desconstrução de estereótipos é também a estratégia do casal alemão Antje Engelmann e Cyrill Lachauer. O vídeo, realizado pelos artistas em uma viagem à Colômbia tem o peculiar título “*Ein Kolonialfilm*”. Enquanto europeus, que viajam a Colômbia, os artistas invertem os papéis tradicionais da dominação cultural, deixando-se “colonizar” pelos estereótipos da cultura latino-americana. Apesar de seu tipo físico germânico, os artistas incorporam os trejeitos e figurinos latino-americanos dançando uma música *caliente* na selva colombiana. Enquanto dançam, os artistas carregam bolos cada um na respectiva cor que indica seus papéis sexuais: ele carrega um bolo na cor azul e ela, na cor rosa. Ao final, vemos o personagem masculino carregando o corpo da personagem feminina em meio a um rio na selva e ficamos sem saber se ele

foi o responsável pelo assassinato dela, ou se ao contrário, tentou salvá-la. As ironias presentes no filme, que lhe dão uma característica fantasiosa e pouco provável, fazendo-nos questionar os papéis tradicionais do colonizador e do colonizado, do sexo masculino e do sexo feminino. É de uma identidade em trânsito que estes artistas nos falam, borrando os limites ideológicos com os quais nos acostumamos.

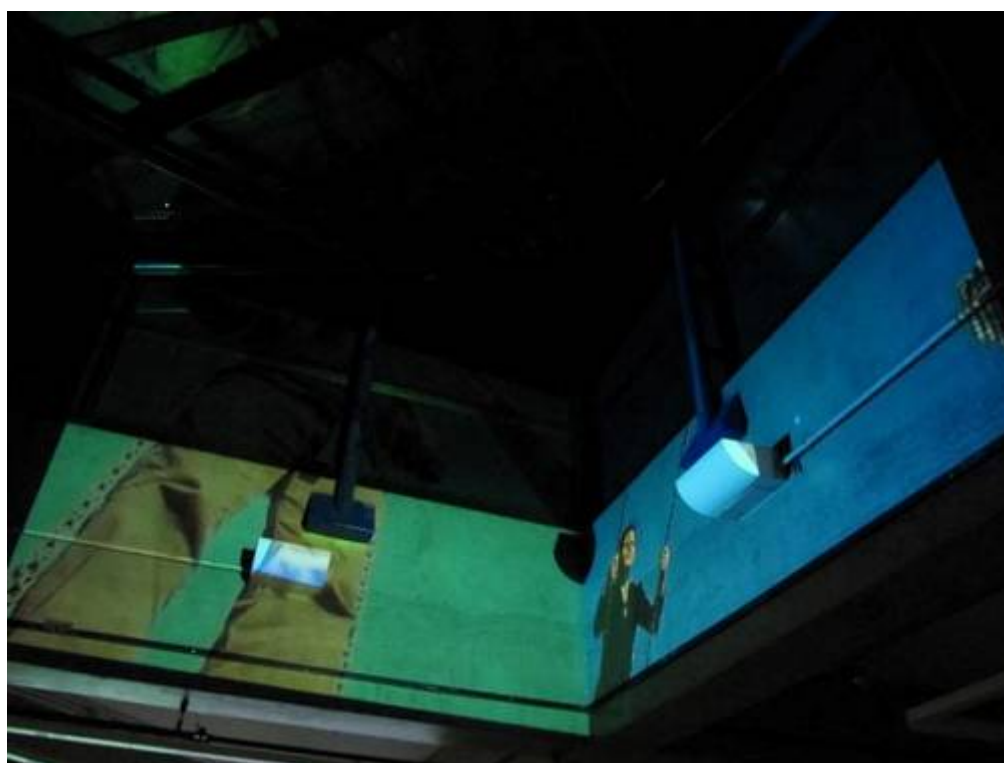
A dissolução das fronteiras de nacionalidade e a intensificação dos fluxos permanentes destacam-se a partir de metáforas sutis nos trabalhos de Lina Kim e Silvia Marzall. Ambas as artistas, embora brasileiras, possuem biografia multicultural.



Frame do vídeo *Stairs*, de Lina Kim

No trabalho de Lina Kim é o fluxo de uma rua na Índia que é metaforicamente invocado para falar de fluidez. A cena nos aparece como uma fotografia turística em movimento, onde o que aparece é uma cena banal de um homem lavando uma escada. Pedestres atravessam na frente da câmera e seguem seu caminho sem se importar. Porém suas vestimentas e posturas fazem nos perceber sutilmente que não se trata de um local qualquer, mas de uma cidade tipicamente indiana. A água que flui incessantemente da mangueira com a qual o homem lava a calçada tinge de brilho solar a cena, conferindo um ar poético à imagem, onde tudo é fluidez e transitoriedade.

Já na videoinstalação de Silvia Marzall, o fluxo é assinalado através do vaivém de balanços que nunca se fixam. Neste trabalho são apresentadas duas projeções nas quais a própria artista e o artista australiano Govinda Lange aparecem balançando incessantemente em um singelo parque de diversões. A artista altera digitalmente a velocidade dos balanços, fazendo com que eles fiquem mais tempo suspensos no ar do que normalmente, ou que despenquem de forma acelerada. Percebe-se aí uma tentativa de reter o tempo, procurando estender ao máximo a sensação transitória do balançar. O próprio título do trabalho *Moment:raised* (Momento:suspensão) assinala nesta direção. Ao procurar estender o movimento, sem procurar uma posição fixa e estável, Sílvia Marzall parece nos alertar sobre a condição transitória do homem contemporâneo, que faz de sua mobilidade e instabilidade as chaves de sua sobrevivência. É neste devir em constante movimento que nos equilibramos, procurando enfrentar o destino através de nossa própria leveza. A maneira como a artista apresenta seu trabalho, projetando-o sobre uma clarabóia existente no teto do espaço expositivo, acentua esta sensação de leveza e desprendimento, abrindo os espaços da arquitetura e criando assim um céu ilimitado e flutuante.



Vista da videoinstalação *Moment:raised* (Momento:suspensão),
de Silvia Marzall, conforme montada na exposição *Urbi et Orbi*.

Onde é mesmo nossa casa? Esta é uma pergunta que os artistas Cao Guimarães e Rivanne Neuenschwander se fazem em seu vídeo *Volta ao Mundo em Algumas Páginas*. Os artistas propõem ao observador a descoberta de mundos através de mapas inseridos aleatoriamente entre livros. O vídeo, na verdade, documenta uma ação realizada pelos artistas na biblioteca de Estocolmo, na qual eles colocavam pequenos pedaços de mapas em meio a folhas de livros que futuramente poderiam ser encontrados pelos leitores, sem que estes compreendessem exatamente o que aquele “pedaço de mundo” estava fazendo ali. Ao transformar esta ação em vídeo, os artistas incluíram imagens de viagens e recordações, que nos remetem a trânsitos imaginários por lugares visitados ou sonhados. Lançando-se no mundo, prontos a encarar as viagens que o destino nos apresenta, os artistas assinalam nossa condição nômade e em constante transformação.



Performance “Trajetos” de Síssi Fonseca apresentada na exposição *Urbi et Orbi*

O trânsito livre pelo mundo e a busca por mapas para se perder e para se encontrar é também objeto da performance realizada por Síssi Fonseca. Munida de imensos mapas caóticos, criados a partir do GoogleMaps, a artista circula entre os espectadores como uma flâneur contemporânea que quer agarrar o mundo em seus trajetos desencontrados. A performance “Trajetos”, de Síssi Fonseca já foi apresentada em diversas cidades no Brasil e no Exterior e a cada nova apresentação a artista incorpora elementos do local e reconstrói o mapa com que se apresenta a partir dos locais em que se apresentou, que conheceu ou com os quais

tem alguma relação afetiva. Para a apresentação no Paço das Artes, a artista incorporou também em seu mapa as diversas localidades relacionadas à origem dos artistas da exposição e aos locais de realização de seus trabalhos. Após caminhar de diferentes maneiras entre os espectadores, a artista estendeu seu grande mapa, onde desenhou com batom seus próprio pés e mãos e também os pés de alguns dos espectadores presentes. Em seu registro simbólico de nossa passagem pelo mundo, Síssi Fonseca destaca as particularidades e os pontos em comum de cada ser humano, que se modifica constantemente no encontro com o outro.



Frame do vídeo *Noturno*, de Hugo Fortes

Em meu próprio trabalho artístico apresentado na exposição *Urbi et Orbi* também procuro refletir sobre os encontros e desencontros na fluida paisagem urbana contemporânea. O trabalho foi produzido em 2006, quando morei em Berlim como bolsista de doutorado pelo serviço de intercâmbio acadêmico alemão (DAAD). Filmado da janela de meu apartamento em Berlim, o vídeo “Noturno” apresenta imagens de carros e transeuntes que passam por uma esquina numa noite de muita neve e frio. Há uma atmosfera melancólica, lenta e gelada, que, entretanto, é amenizada pela luz avermelhada que ilumina a rua e pelos acontecimentos inesperados ocorridos durante a filmagem. Em meio a esta cena aparentemente banal, um casal se abraça, se beija e atravessa a rua prosseguindo em seu

caminho. Tudo segue seu fluxo, as pessoas passam, a neve cai suavemente, o farol pisca incessantemente mesmo que não haja mais ninguém para atravessar a rua. Em meu olhar de estrangeiro, desacostumado com a neve e seu silêncio, procuro captar esta atmosfera com sensibilidade, transformando a solidão urbana em aconchego. No fluxo inefável do tempo, indivíduos encontram-se e se despedem nas ruas das metrópoles, deixando em nossas memórias o calor de sua presença. Por meio desses encontros e trânsitos é que surge o desejo e a possibilidade de se realizar uma exposição como *Urbi et Orbi*. Para a cidade e para o mundo deve-se direcionar o trabalho do artista e é a partir da cidade e do mundo que ele se constrói. O prazer de observar o outro, respeitando suas diferenças e particularidades é a ambição do artista e do curador. É no encontro com o outro que me aqueço e é pelo seu olhar que me alimento.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DI FELICE, Massimo. *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009

Hugo Fortes

Artista, curador e professor doutor na Escola de Comunicações e Artes da USP. Em 2009 realizou pós-doutorado na FAU-USP. Doutor em Artes pela ECA-USP, com doutorado-sanduiche pela Universität der Künste Berlin. Residiu de 2004 a 2006 em Berlim, como bolsista do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD). Vencedor do Prêmio CAPES de Tese 2007. Como artista expôs em 12 países da Europa, América, África e Ásia.